



ANÁLISE DA DESSONORIZAÇÃO E DA SONORIZAÇÃO DAS CONSOANTES OCLUSIVAS E FRICATIVAS DO PORTUGUÊS EM CONTATO COM O ALEMÃO

Michele Schneiders – schneidersmichele@gmail.com

Universidade Estadual do Paraná, Unespar, União da Vitória, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-1973-9521>

Sanimar Busse – sani_mar@yahoo.com.br

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Cascavel, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-3818-6579>

RESUMO: Este artigo tem como temática a variação de dessonorização e sonorização das consoantes oclusivas e fricativas do português em contato com o alemão, sendo o objetivo geral da pesquisa analisar o fenômeno de dessonorização e sonorização das consoantes oclusivas e fricativas do português em contato com o alemão em falantes bilíngues de três localidades do Extremo Oeste de Santa Catarina a partir dos dados coletados pelo Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF), projeto de pesquisa vinculado à Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *Campus* Chapecó (SC). A análise é pautada na seguinte pergunta de pesquisa: quais contextos extralinguísticos atuam como condicionadores para a realização da variação de dessonorização e sonorização das consoantes oclusivas e fricativas do português em contato com o alemão? A base teórica e metodológica da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional orienta a análise (RADTKE; THUN, 1996; THUN, 1998; 2005; 2010), a qual descreve a língua a partir de diferentes dimensões. Neste estudo, investigamos a variação por meio da dimensão diatópica, diastrática e diageracional. Como resultado, os dados revelam que tanto a variação de dessonorização quanto a de sonorização ocorre na fala dos bilíngues, sendo que a idade junto à baixa escolaridade são fatores importantes no condicionamento dos fenômenos.

PALAVRAS-CHAVE: Dessonorização; sonorização; Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional; variação.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema a variação de dessonorização e sonorização dos fonemas consonantais na fala de bilíngues alemão-português do Extremo Oeste de Santa Catarina, sendo objeto de investigação a realização das consoantes oclusivas /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/ e fricativas /f/, /v/, /s/, /z/, /ʃ/, /ʒ/, em dados do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF), grupo de pesquisa vinculado à Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó, Santa Catarina. Entende-se por dessonorização a troca de um fonema sonoro por surdo, como em [b]olo ~ [p]olo e a sonorização como a troca de um fonema surdo por sonoro, como em [p]ente ~ [b]ente.

O objetivo geral da pesquisa é analisar os contextos extralinguísticos que condicionam os fenômenos de sonorização e de dessonorização na realização das consoantes oclusivas e fricativas na fala de bilíngues alemão-português em Itapiranga, São João do Oeste e Mondai, Santa Catarina. Pelo fato de essas localidades apresentarem contato linguístico entre o alemão e o português, o português falado pelos

descendentes de alemães é caracterizado como um falar “de colono”, considerado “errado” e que é motivo de julgamentos, chacotas e risadas. Por esse falar característico, esses falantes são caracterizados como “aqueles do interior” e “da roça” [*colonist*]. Isso acontece porque os falantes bilíngues trazem alguns traços de transferência, tanto fonética-fonológica, quanto lexical e sintática da sua língua materna (alemão) para sua língua alvo (português). As transferências entre as línguas fazem com que os falantes bilíngues alemão-português apresentem uma identidade particular. Segundo Altenhofen e Margotti (2011), alguns traços comuns desse falar característico são: a ausência de palatalização das consoantes dentais /t/ e /d/ diante de /e/, a realização do rótico em início de palavra como r-tepe e, sobretudo, a dessonorização e sonorização de consoantes oclusivas e fricativas, que são foco desta pesquisa. Quanto ao rótico, há estudos recentes que revelam um forte preconceito relacionado a essa pronúncia entre falantes de alemão (FRITSCH; PEREIRA, 2018), assim como a troca das consoantes surdas e sonoras (sonorização e dessonorização), que é considerado “um dos traços mais estigmatizados socialmente e um dos mais perceptíveis pelos membros de outras comunidades de fala” (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011, p. 299).

Para a análise e o tratamento dos dados desta pesquisa, utilizamos a base teórica e metodológica da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional, que tem como precursores Radtke e Thun (1996) e Thun (1998; 2005; 2010). Na Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional, a língua é analisada a partir de diferentes dimensões, as quais indicam, principalmente, a situação do fenômeno linguístico analisado. A partir desse aporte teórico e metodológico, analisamos os dados do ALCF, grupo de pesquisa vinculado ao CNPq e coordenado pelos professores Dr. Marcelo Jacó Krug e Dra. Cristiane Horst, da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó, Santa Catarina. Neste estudo, a análise é pautada na dimensão diatópica (localidade), diastrática (classe social baseada na escolaridade) e diageracional (faixa etária).

O artigo está organizado em cinco seções. Iniciamos com esta introdução, na sequência, descrevemos o contexto da pesquisa, na terceira seção abordamos os princípios metodológicos, para em seguida tratar dos resultados dos dados. Ao final, apresentamos as considerações finais seguidas das referências bibliográficas.

2 CONTEXTO DA PESQUISA

O Brasil, marcado pela diversidade e pelos contatos linguísticos, deu espaço para aqueles que vivenciavam a crise na Alemanha e buscavam a promessa de uma vida melhor. Segundo Jungblut (2000, p. 24) “na virada do século 18 para o 19, a Europa foi arrasada pelas guerras napoleônicas. As regiões de fronteira entre a França e a Alemanha foram as mais atingidas”. Com a situação calamitosa vivenciada na Alemanha, os imigrantes que chegaram ao Brasil vieram com o objetivo de buscar uma vida melhor no

“Novo Mundo”, bem como colonizar as novas terras e ocupar “os vazios demográficos”¹, razão pela qual optaram pelas regiões Sul e Sudeste. Terras quase de graça, viagem e diárias gratuitas, sementes e gado foram algumas das promessas feitas aos colonizadores. “Emigrar virou um desejo irresistível, tornou-se uma mania” (JUNGBLUT, 2000, p. 27).

Para Jungblut (2000, p. 27), existiram no Brasil quatro tipos de colonização: a) colônias governamentais, que foram fundadas pelo governo federal, estadual ou municipal; b) colônias fundadas por entidades lucrativas, como a empresa Chapecó-Peperi Ltda.; c) colônias fundadas por uma entidade filantrópica, como o *Bauerverein* e o *Volksverein*; d) colônias fundadas por pessoas particulares, as quais adquiriram “uma grande gleba e promoviam a colonização com fins lucrativos”.

Com relação aos alemães imigrantes, eles chegaram, primeiramente, à cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul e, posteriormente, seus descendentes migram para as demais regiões do Sul do Brasil, bem como Espírito Santo, Mato Grosso, Argentina, Paraguai e Bolívia.

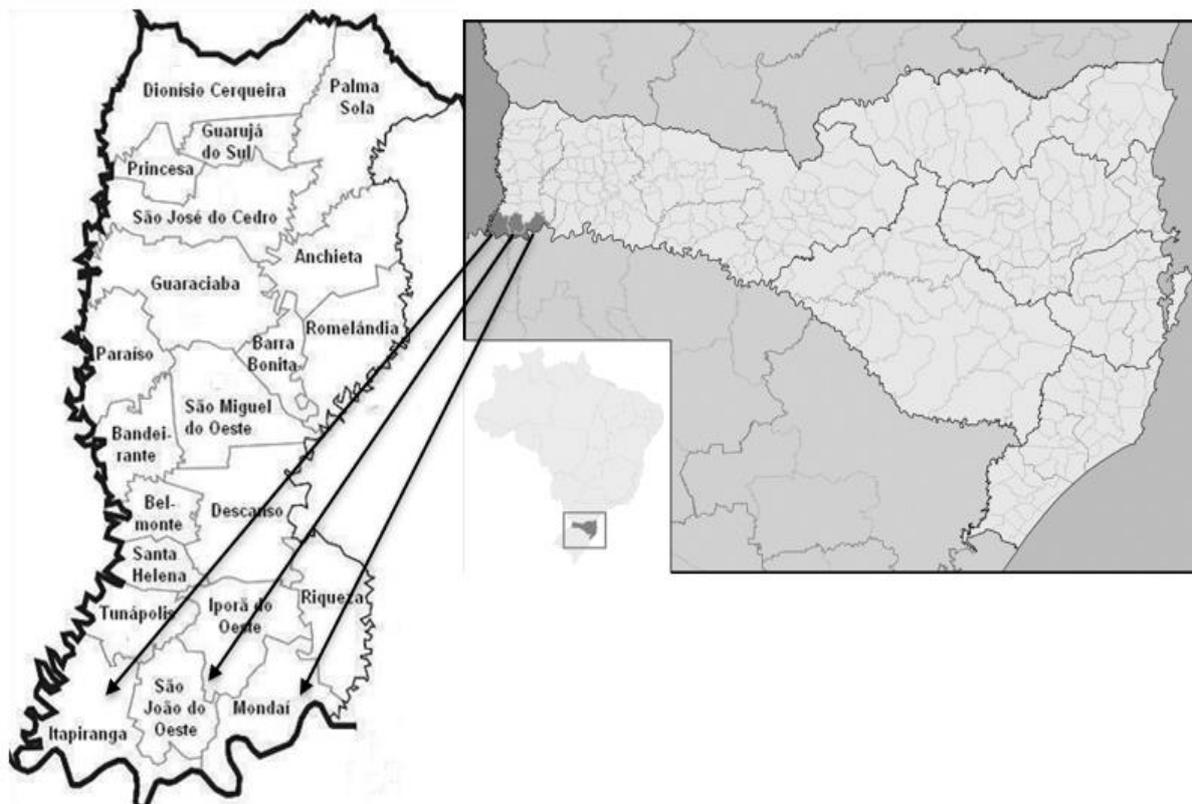
O Extremo Oeste Catarinense foi colonizado por descendentes de alemães que fixaram residência, primeiramente, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. O grupo de imigrantes vindos dessa região era formado majoritariamente por católicos e falantes de alemão. Além disso, as localidades de colonização alemã, majoritariamente, eram atendidas por padres jesuítas (RAMBO, 2013).

O alemão falado nas três localidades é entendido como uma variedade linguística que se distancia consideravelmente do alemão padrão, falado na Alemanha. A língua falada na região do Extremo Oeste Catarinense é denominada, comumente, como hunsriqueano ou *Hunsrückisch*. A princípio, esse nome deriva da região de onde vieram os imigrantes, *Hunsrück*, contudo, Altenhofen e Morello (2018) destacam que já houve a identificação de pelo menos vinte tentativas para a explicação desse nome (SCHELLACK, 1975).

As três localidades escolhidas para serem investigadas nesta pesquisa, Itapiranga, Mondaí e São João do Oeste, foram colonizadas por migrantes vindos do estado do Rio Grande do Sul. Esses colonizadores eram, em sua maioria, descendentes de alemães e tinham o objetivo de buscar uma vida melhor. Os três municípios estão localizados no Extremo Oeste Catarinense, como mostra o mapa a seguir:

¹ Schneiders (2021, p. 39) destaca que “o governo brasileiro passou a se preocupar com a habitação dessa região, utilizando o termo ‘vazio demográfico’ para classificar a área, mesmo havendo ocupação esparsa do território, principalmente por caboclos e indígenas”.

Figura 1 – Mapa da região Extremo Oeste de Santa Catarina



Fonte: Adaptado de Abreu (2006)

Segundo Ruscheinsky (2014) e Wolschick (2016), há situações de contato linguístico em Itapiranga, São João do Oeste e Mondai. A presença das duas línguas nessas localidades também fez com que as escolas ofertassem a língua alemã em seu currículo. Em Mondai e em São João do Oeste, o alemão-padrão ou *Hochdeutsch* é ensinado nas escolas municipais desde os primeiros anos escolares e, em Itapiranga, é ofertado nas escolas estaduais durante o ensino médio. Apesar de o alemão-padrão ter características estruturais diferentes do alemão falado nessas localidades, consideramos que a oferta da língua alemã no currículo escolar é um grande avanço para o ensino local, já que, por meio do ensino da língua alemã, os estudantes conseguem aprimorar o seu conhecimento prévio, fazendo com que não percam o contato com a língua de origem.

3 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nossa metodologia baseia-se nos preceitos da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional, considerada por Thun (1998; 2005; 2010) a ciência geral da variação linguística. O instrumento para geração dos dados foi a entrevista com base em um questionário do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF). As entrevistas de Itapiranga e São João do Oeste contaram com um questionário

dividido em questões de tradução, conversa livre e leitura de texto em português. Já o questionário utilizado para a coleta das entrevistas de Mondáí consistiu em perguntas sobre questões de identidade, identificação de padrões identitários, papel da língua na constituição da identidade, o grau de bilinguismo dos informantes de sua comunidade, o reconhecimento da identidade e perguntas relacionadas a questões fonológicas. Além disso, esse questionário também conta com a leitura da Parábola do Filho Pródigo em alemão e em português.

Contudo, nesta pesquisa, não focamos no conteúdo ou temática das entrevistas. Analisamos os dados apresentados por meio da conversa livre e das respostas dadas pelos entrevistados, focando, exclusiva e unicamente, na realização do fenômeno em variação, objeto de investigação desta pesquisa.

Para cada localidade, foram realizadas oito entrevistas, totalizando, vinte e quatro. Os entrevistados eram informantes da geração II e geração I, de classe baixa e classe alta, do sexo masculino e feminino. Os oito informantes de cada localidade são divididos nas categorias CaGII (classe alta geração II), CbGII (classe baixa geração II), CaGI (classe alta geração I) e CbGI (classe baixa geração I), sendo um homem e uma mulher para cada uma dessas categorias. A escolha dos informantes deu-se a partir da metodologia da pluridimensionalidade de Thun (1998; 2005; 2010), a qual segue um modelo em formato de cruz, apresentando as seguintes características:

Figura 2 – Características dos informantes

<p>CaGII</p> <p>a) um homem e uma mulher acima de 55 anos, b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos), c) com escolaridade superior e ocupação profissional livre/autônoma</p>	<p>CaGI</p> <p>a) um jovem e uma jovem de 18 a 36 anos, b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos), c) com escolaridade superior e ocupação profissional livre/autônoma</p>
<p>CbGII</p> <p>a) um homem e uma mulher acima de 55 anos, b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos), c) com escolaridade básica (analfabeto até 2º grau incompleto) e ocupação profissional agricultor ou empregado que não exija o uso da escrita</p>	<p>CbGI</p> <p>a) um jovem e uma jovem de 18 a 36 anos, b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos), c) com escolaridade básica (analfabeto até 2º grau completo) e ocupação profissional agricultor ou empregado que não exija o uso da escrita</p>

Fonte: Thun (2010, p. 709)

Os critérios para a seleção dos informantes são os mesmos utilizados pelo Atlas Linguístico-Contatual das minorias Alemãs da Bacia do Prata-*Hunsrückisch* (ALMA-H), assim como do *Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU) e do *Atlas Guaraní-Románico* (ALGR), para facilitar a comparação entre os dados em pesquisas futuras.

Cabe salientar que a Dialetologia não analisa a classe social dos informantes a partir dos rendimentos, mas a partir da escolaridade. Por isso, a classe social é denominada de classe socioculturalmente alta e socioculturalmente baixa. Nesse sentido, o informante que tem ensino médio incompleto é considerado classe baixa (Cb), enquanto o informante que possui escolaridade superior (ensino médio completo ou graduação) é considerado classe alta (Ca).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A formação histórica, cultural e linguística do Extremo Oeste Catarinense é fortemente marcada pelo contato entre línguas e culturas distintas. Essa região, colonizada por imigrantes que buscavam uma vida melhor, apresenta, em si, uma característica cultural que, em partes, se diferencia das demais regiões do Brasil.

Com relação aos traços linguísticos presentes na fala dessa região, conforme apresentados na introdução desta pesquisa, destacam-se os fenômenos da sonorização e dessonorização das consoantes. A idade e a escolaridade são fatores que interferem significativamente no fenômeno em variação. Eckert (1998) entende ser necessário considerar a idade junto aos demais fatores sociais, pois o mesmo indivíduo, ao longo da vida, pode ocupar papéis diferentes, incluindo formas de falar diferentes, dependendo do momento da vida em que está. Segundo Paiva (2016), “se numa comunidade de fala convivem indivíduos de diferentes faixas etárias, convivem igualmente estágios de uma mesma língua situados em vários pontos do tempo”.

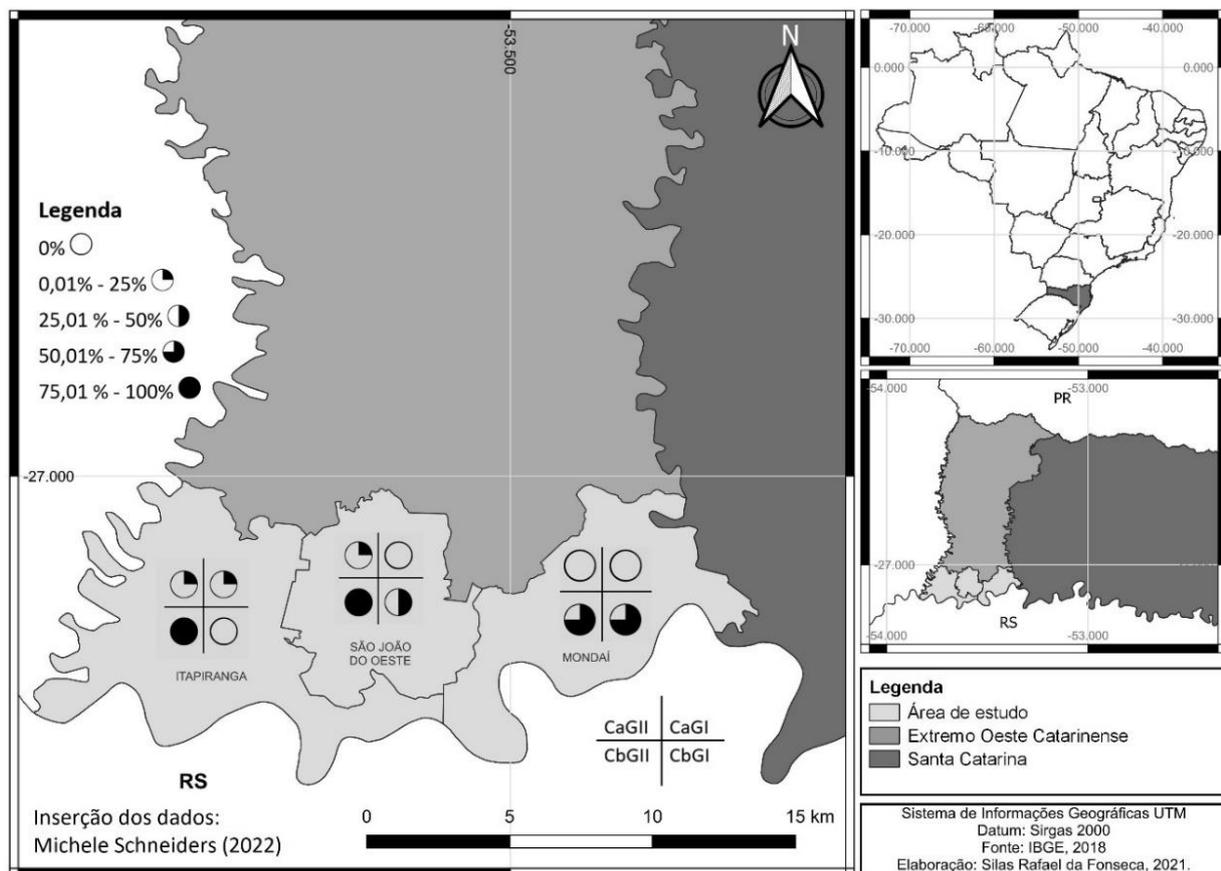
Aos mais jovens, há uma pressão para o uso das formas mais inovadoras, enquanto os mais velhos tendem a ser mais conservadores em seus usos linguísticos. O conservadorismo, segundo Eckert (1998), é causado, muitas vezes, pela pressão do local de trabalho e pode ter relação direta com a escolaridade do falante.

As dimensões diastrática e diageracional, somadas à dimensão diatópica – pontos de pesquisa, são responsáveis por formar o modelo em cruz, proposto por Thun (1998), e caracterizam a proposta da Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Com base em Thun (1998), as dimensões diastrática e diageracional são inseridas em formato de cruz para que seja possível verificar a relação entre a idade e a escolaridade dos informantes. Essa relação considera que falantes com idade superior a 55 anos e com

Ensino Médio completo e/ou Ensino Superior pertencem a CaGII (classe alta, geração II), falantes com idade superior a 55 anos com Ensino Médio incompleto pertencem a CbGII (classe baixa, geração II), falantes com idade entre 18 e 36 anos e com Ensino Médio completo e/ou Ensino Superior pertencem a CaGI (classe alta, geração I) e falantes com idade entre 18 e 36 anos e Ensino Médio incompleto pertencem a CbGI (classe baixa, geração I).

Obtivemos um total de 178 ocorrências de dessonorização das consoantes oclusivas e fricativas e 28 ocorrências de sonorização das consoantes oclusivas e fricativas. A partir do total de ocorrências de dessonorização e sonorização, apresentamos a porcentagem de ocorrências nos quatro grupos (CaGII, CbGII, CaGI e CbGI), inseridas nas três localidades. No cartograma 1, apresentamos as ocorrências do fenômeno de dessonorização em cada localidade, de acordo com os registros nas dimensões diastrática e diageracional.

Cartograma 1 – Total de ocorrências de dessonorização em cada grupo



Fonte: Elaboração da autora

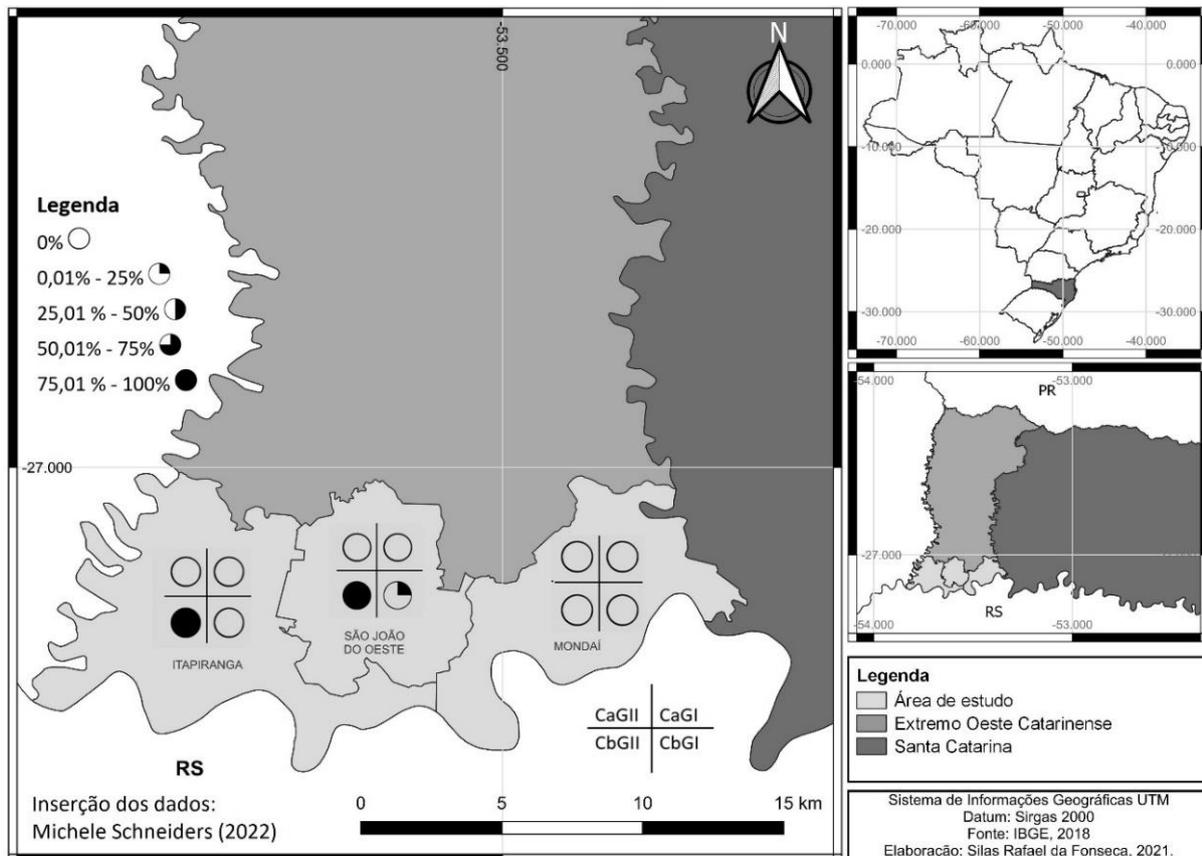
A partir do cartograma, é possível perceber a transição das variantes entre as variáveis sociais no espaço geográfico. Nos grupos sociais indicados, as três localidades apresentam dinâmicas próximas quanto à realização do fenômeno da dessonorização das oclusivas e fricativas.

Na CbGII, que consiste em informantes com baixa escolaridade e com mais de 55 anos, percebemos que há um número maior de ocorrências. Das ocorrências de desonorização na CbGII em cada localidade, Itapiranga apresenta 84,4% de ocorrências, São João do Oeste, 79,4%, e Mondaí, 45% de ocorrências. Gewehr-Borella (2014, p. 130), ao analisar o fator escolaridade, também destaca que

[...] é preciso considerar que os informantes da Ca possuem, de modo geral, um grau de proficiência maior em português, do que os da Cb, tendo em vista que as práticas linguísticas da Ca, em função inclusive de sua ocupação e *modus vivendis*, tendem a ser frequentes em português.

Os informantes da CbGI, apesar de serem jovens, também apresentaram um número significativo de ocorrências de desonorização em São João do Oeste e em Mondaí. Já em Itapiranga não houve ocorrências nesse grupo. A escolaridade é fator importante na realização das ocorrências, considerando que o número é relativamente baixo nos grupos da CaGII e CaGI nas três localidades. As ocorrências de sonorização são predominantes também na Cb, mesmo que em número menor, como é possível verificar a seguir:

Cartograma 2 – Total de ocorrências de sonorização em cada grupo



Fonte: Elaboração da autora

Em Mondaí, não houve ocorrências de sonorização de consoantes oclusivas e fricativas. Itapiranga e São João do Oeste apresentam um registro significativo na CbGII (81,3% em SJO e 90% em Itapiranga), o que demonstra uma grande influência da escolaridade no registro dos fenômenos, tanto de dessonorização quanto de sonorização.

Podemos destacar que a realização das trocas dos fonemas está presente em maior proporção na classe baixa. Isso pode revelar que esses falantes tiveram pouco contato com o ensino formal e, sobretudo, com o ensino de português. Geralmente, os falantes da classe baixa, como é possível perceber nas entrevistas, têm o alemão como língua materna e só aprenderam português na escola. Como consequência da baixa escolaridade, não desenvolveram seus conhecimentos em português, não conseguindo perceber a diferença entre os dois sistemas linguísticos, ou, ainda, apresentam ocupações que não requerem o uso do português com muita frequência, como, por exemplo, atividades na lavoura, agricultura, atividades domésticas, etc.

Por meio das entrevistas, observamos que os falantes da classe baixa não percebem que realizam a troca dos fonemas. Como exemplo, no trecho a seguir, em que uma informante da CbGII, ao ver que seu neto a interrompera no momento da entrevista:

Entrevistada: – Ela está [k]ravando
Neto: – O quê?
Entrevistada: – Ela está [k]ravando
Entrevistadora: – Eu estou GRAvando
Neto: – Ah, eu tinha entendido TRAvando

Se a informante da CbGII tivesse percebido que o neto poderia não ter entendido a forma como disse pelo fato da troca entre [g] e [k], talvez pudesse pronunciar com [g]. Porém, de forma geral, para os falantes bilíngues, a troca das consoantes não é perceptível.

Os informantes da classe alta podem apresentar maior contato com o português e, principalmente, um conhecimento da língua escrita que pode interferir no conhecimento da estrutura linguística da fala. O conhecimento da modalidade escrita do português contribui para que o fenômeno da dessonorização e da sonorização seja quase nulo, principalmente por compreenderem que os dois sistemas linguísticos possuem regras distintas. Percebemos que os falantes com menos escolaridade e, principalmente, os da GII são os que mais realizam a troca das consoantes. Nesta pesquisa, a idade, junto à baixa escolaridade, revela uma forte influência na realização do fenômeno.

Por meio da dimensão diageracional, é possível compreender a dinâmica dos fenômenos em variação, principalmente se o fenômeno se caracteriza como uma variação estável, quando duas formas em variação podem conviver, sem que ocorra a substituição de uma por outra, ou mudança em progresso, quando uma é substituída por outra. Essa situação é apresentada por Weinreich, Labov e Herzog

(2006[1968], p. 126) como “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”.

A variável faixa etária também é apresentada como um fator condicionador importante frente ao fenômeno de variação. Os informantes da pesquisa consideram que não falam o alemão correto, aquele que é falado na Alemanha, e destacam que, por terem aprendido primeiro o alemão, têm dificuldade com o português. Ao ser questionado pela inquiridora sobre quem fala “melhor” português, se o descendente de italiano ou de alemão, um informante da GI menciona que nenhum dos dois, porque o descendente de alemão fala “*amanhã nós [f]amo lá pra Iporã²*”. O modo como os falantes percebem a língua ao seu redor demonstra também suas atitudes, que podem ser listadas como “não ter interesse em aprender a língua, não querer ensiná-la para seus filhos e preferir que falem português e não alemão”. Há situações referentes a crenças e atitudes linguísticas que também mostram que alguns informantes podem considerar o alemão muito difícil ou que fala muito enrolado (CORBARI, 2013).

Podemos caracterizar o exemplo acima mencionado como um estereótipo, já que o informante julga que nem o falante de alemão, nem o italiano sabem falar bem o português, o que talvez pode também gerar atitudes negativas frente ao uso do alemão.

Já os falantes de São João do Oeste, durante as entrevistas, parecem apresentar certa lealdade linguística em relação a sua língua materna. Sentem orgulho da comunidade onde vivem e, principalmente, preocupação com a manutenção da língua. A lealdade linguística é, de acordo com Weinreich (1979), um “princípio no qual as pessoas empenham a si mesmas e os outros falantes conscientemente e explicitamente a resistir a toda mudança no funcionamento, na estrutura e no vocabulário da língua”³. Poderíamos dizer que os falantes dessa comunidade defendem o alemão e seus valores a todo custo.

Em experiências do cotidiano, observamos que adolescentes que não compreendem alemão demonstram um certo descaso e/ou repulsa pela língua. Nesses casos, é comum que os pais utilizem a língua para tratar de assuntos importantes e que não devem ser conhecidos pelos filhos. Há, nesses contextos, situações familiares em que o filho fica com raiva por não poder entender o que está sendo tratado na conversa, pelo fato de o assunto ser de interesse somente dos pais e, por isso, utilizarem o alemão para esse fim. Com relação aos mais jovens, o uso do alemão, muitas vezes, fica restrito às situações de âmbito familiar, ou seja, somente com os pais ou familiares. No trabalho, os mais jovens utilizam o alemão somente em situações em que o falante/cliente não consegue se expressar em português. Gewehr-Borella (2014) também relata que a interação com a língua portuguesa e o contato

² Referência à cidade de Iporã [do Oeste] (SC).

³ Tradução nossa. No original: “*Language loyalty might be defined, then, as a principal, in the name of which people will rally themselves and their fellow speakers consciously and explicitly to resist changes in either the functions of their language or in the structure or vocabulary*”.

com os meios de comunicação em português é muito maior entre os mais jovens, em comparação aos mais velhos.

Nas comunidades investigadas, há diferentes ações que são importantes para a manutenção da língua, caracterizadas como políticas linguísticas *in vivo*, já que são trazidas pelos próprios falantes em sua comunidade de fala. Para Calvet (2002, p. 133), políticas linguísticas são “escolhas conscientes referentes às relações entre língua e vida social”. Em São João do Oeste, por exemplo, o comércio solicita que todos os funcionários saibam falar alemão, sendo, inclusive, uma exigência para ser contratado. Se os mais jovens buscam emprego na cidade, de alguma forma, o alemão precisa estar presente e, neste caso, é requisito *sine qua non* para ser contratado, pelo fato de muitos moradores não conseguirem se comunicar bem em português.

Se compararmos São João do Oeste com Itapiranga e Mondaí, podemos dizer que as duas últimas são mais urbanas; ou seja, nelas, há mais oportunidades para os mais jovens. Em Itapiranga, a presença da universidade faz com que muitos jovens tenham contato com outras pessoas e, conseqüentemente, utilizem mais o português. Em Mondaí, as grandes indústrias trazem grande rotatividade de pessoas no município, além da possibilidade de acesso ao Rio Grande do Sul pelo Porto da Balsa “Navegação Porto Feliz” em Mondaí e pela Balsa Rio Uruguai em Itapiranga. Nessas duas localidades, o contato com pessoas de culturas distintas e residentes de outros municípios pode indicar que o alemão seja utilizado somente em situações mais específicas e no âmbito familiar, pelo fato de, muitas vezes, nem todos terem o conhecimento dessa língua. São João do Oeste está mais isolado e parece ser mais conservador quanto à preservação do alemão, até mesmo para fazer jus ao título de Capital Catarinense da Língua Alemã e por ser uma cidade turística.

A partir da análise dos dados e de todo contexto situacional de uso da língua pelos mais jovens, os resultados indicam uma possível mudança em progresso quanto ao fenômeno de sonorização e de desonorização na fala do Extremo Oeste Catarinense, pelo fato de o número de ocorrências ser muito baixo em relação à fala dos mais velhos em Itapiranga e em São João do Oeste. Em Mondaí, consideramos que possivelmente a variação já esteja praticamente em mudança, considerando o fato de a realização de sonorização e desonorização ser muito baixa na fala dos informantes. Esses resultados comprovam também os estudos de Gewehr-Borella (2014), Lara (2017) e Martins (2013) sobre a desonorização e a sonorização das consoantes oclusivas e fricativas na fala de bilíngües alemão-português do Rio Grande do Sul.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, analisamos as variáveis linguísticas e sociais que condicionam a variação de sonorização e de desonorização das consoantes oclusivas e fricativas, demonstrando, sobretudo, a dinamicidade e a maleabilidade que caracterizam o português brasileiro.

A pesquisa apresentada teve como objetivo geral analisar os contextos extralinguísticos que condicionam os fenômenos de sonorização e de desonorização na realização das consoantes oclusivas e fricativas na fala de bilíngues alemão-português em Itapiranga, São João do Oeste e Mondáí, Santa Catarina, a partir dos dados do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF).

Dentre os fatores extralinguísticos analisados para identificar quais contextos atuam como condicionadores para a realização da variação, destacamos a baixa escolaridade (Cb) somada à idade (GII) dos falantes, em localidades que apresentam vitalidade e manutenção do alemão, principalmente quando esses falantes vivem de forma mais isolada, ou seja, em zonas rurais, com pouco contato com o português, ou quando ocupam cargos de trabalho com pouca necessidade de uso do português. À primeira vista, nosso foco inicial não foi analisar e comparar a fala dos residentes da zona rural e da zona urbana, mas, em algumas entrevistas foi possível assinalar esse fator, que revelou ser muito importante, se não o mais expressivo, na realização do fenômeno.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul: Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner, 1996.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: ELAZINCÍN, Adolf.; ESPIGA, Jorge (org.). *Español y portugués: fronteras e contatos*. Pelotas: UCPEL, 2008. p. 129-164.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MORELLO, Rosangela. (orgs). *Hunsrückisch: Inventário de uma língua no Brasil*. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018. E-book. Disponível em: https://www.ufrgs.br/projalma/wp-content/uploads/2014/08/eBook_Livro-do-Invent%C3%A1rio-do-Hunsr%C3%BCckisch_2018-1.pdf. Acesso em: 18 maio 2021.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson (org.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 289-315.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CORBARI, Clarice Cristina. *Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*. 2013. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/16202/1/Clarice%20Cristina%20Corbari.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2022.

ECKERT, Penelope. Age as a Sociolinguistic Variable. In: COULMAS, Florian. *The Handbook of Sociolinguistics*. Blackwell Publishing, 1998. p. 105-115.

GEWEHR-BORELLA, Sabrina. "*Tu dampém fala assim?*": macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e desonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues hunsriqueano-português. 2014. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/108953>. Acesso em: 12 jul. 2020.

JUNGBLUT, Roque. *Documentário Histórico de Porto Novo*. São Miguel do Oeste: Arco Iris Gráfica & Editora, 2000.

LARA, Claudia Camila. *Variação fonético-fonológica e atitudes linguísticas: o desvozeamento das plosivas no português brasileiro em contato com o Hunsrückisch no Rio Grande do Sul, Brasil*. 2017. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/159078>. Acesso em: 12 jul. 2020.

MARTINS, Rosemari Lorenz. *Influências interlinguísticas na fala e na escrita de crianças bilíngues falantes do português e do Hunsrückisch: consoantes oclusivas, fricativas e róticas*. 2013. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/5791>. Acesso em: 14 out. 2020.

PAIVA, Maria da Conceição de. Mudança em tempo real e em tempo aparente. In: MOLLICA, Maria Cecília; JUNIOR, Celso Ferrarezi. *Sociolinguística, Sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 23-32.

RADTKE, E.; THUN, Harald. Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Heidelberg/Mainz 21.-24.10. 1991, Kiel, Westensee, 1996.

RAMBO, A. B. *Jesuitas no Sul do Brasil: O projeto pastoral*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2013.

RUSCHEINSKY, Elena Wendling. "*Uma vez falando em alemão*": o uso da variante uma vez no português falado em Itapiranga e São João do Oeste. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/88>. Acesso em: 13 nov. 2020.

SCHELLACK, Gustav. Was bedeutet das Wort Hunsrück? In: *Hunsrücker Heimatblätter, Simmern*, Jg. 15, Nr. 33, p. 103-109, 1975.

SCHNEIDERS, Carlise. As mulheres de Porto Novo: da idealização à vida na colônia. In: FRANZEN, Douglas Orestes; SAUSEN, João Vitor; MAYER, Leandro. *Porto Novo 95 anos: perspectivas históricas e contemporâneas*. Itapiranga: Schreiben, 2021. p. 39-52.

THUN, Harald. La geolinguística como linguística variacional general (con ejemplos del Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: *International congress of romance linguistics and philology*, Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729.

THUN, Harald. A Dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl. *Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 63-79.

THUN, Harald. *Pluridimensional cartography*. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds.). *Language mapping*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010. p. 506-523.

WEINREICH, Uriel. *Languages in Contact: Findings and Problems*. New York: Mouton Publishers, 1979.

WOLSCHICK, Isaura. *Aspectos do bilinguismo alemão-português nas comunidades de Mondai e São João do Oeste – SC*. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2016. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/760/1/WOLSCHICK.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2020.

WEINREICH, Uriel.; LABOV, William.; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Title

Analysis of devoicing and voicing of occlusive and fricative consonants in Portuguese in contact with German.

Abstract

The subject of this article is the variation of devoicing and voicing of occlusive and fricative consonants in Portuguese in contact with German, with the general objective of the research being to analyze the phenomenon of devoicing and voicing of occlusive consonants and fricatives in Portuguese in contact with German in bilingual speakers from three locations in the Far West of Santa Catarina based on data collected by the Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF), a research project linked to the Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Chapecó (SC). The analysis is based on the following research question: which extralinguistic contexts act as conditioners for the realization of the variation of sonorization and devoicing of occlusive and fricative consonants in Portuguese in contact with German? The theoretical and methodological basis of Pluridimensional and Relational Dialectology guides the analysis (RADTKE; THUN, 1996; THUN, 1998; 2005; 2010), which describes language from different dimensions. In this study, we investigated the variation through the diatopic, diastratic and diagenational dimensions. As a result, the data reveal that both devoicing and voicing variations occur in the speech of bilinguals, with age and low education being important factors in conditioning the phenomena.

Keywords

Devoicing; voicing; Pluridimensional and Relational Dialectology; variation.

Recebido em:

Aceito em: 18/04/2023.